

O PAPEL DO TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA DOS RECUPERANDOS DURANTE A RECLUSÃO

Michelle Ferreira Corrêa*

Joelma Pereira De Faria Nogueira**

Resumo:

O presente estudo tem por objetivo verificar como o trabalho pode se configurar como um instrumento na construção da consciência do recuperando prisional, possibilitando sua ressocialização e inserção na sociedade pós-detenção. Seus objetivos visam: a) Conhecer o lugar que o trabalho ocupa na vida de um detento; b) Verificar a influência do trabalho na ressocialização do detento após a saída da prisão. Esta pesquisa foi realizada com pessoas que atualmente trabalham em uma célula de produção dentro do presídio de Pouso Alegre, e que cumprem pena criminal em regime fechado. Nessa direção, esta pesquisa aborda o modelo de pesquisa Crítica de Colaboração, pois a colaboração foi fundamental para que se obtivesse às informações necessárias para a sua construção. Como resultado, verificamos que um recuperando que trabalha dentro do presídio não sai o mesmo que entrou. Nota-se uma mudança de percepções dentro ainda da reclusão, suas ideias são diferentes, há novos valores sobre trabalho e todos com o objetivo de demonstrar para a sociedade sua transformação, sua consciência. O ser humano consegue, através do trabalho, se modificar e isso é representado através da linguagem, dos atos, das palavras como retratado aqui através das entrevistas nas quais foram expressas o quão necessário é o trabalho dentro do presídio e que este repercute de forma direta na socialização do ex-presidiário na sociedade novamente. Esta pesquisa abre portas para novos estudos e ajuda a sociedade em geral a compreender a importância que o trabalho tem na vida dos recuperandos.

Palavras-chave: trabalho; consciência; ressocialização; sistema prisional; linguagem.

Abstract:

This study aims to verify how work can be a tool in ex-prisoner's consciousness building, causing his/her socializing process and society reintegration in post

* Contato: mih_03@hotmail.com.

** Contato: joelma.faria@uol.com.br.

detention. Its goals are: a) To know the role of work in a ex-prisoner's life; b) To verify the influence of work in prisoner's socializing process after he/she leaves prison. This research was developed with ex-prisoners that work in a dressing factory settled in the South of Minas Gerais. They were sentenced and stayed in Pouso Alegre Prison in a close time sentence. The research approach was the Critical Colaborative Research, once collaboration is essential to get all the necessary information for this research. As a result, it is possible to see clear differences concerning a prisoner who worked inside prison. It is evident that there is a change of perception still while in reclusion, with new ideas coming up, new value about the working process and all of them aiming to show society how they are changed and are aware of the importance of work. Through this process, the human being changes him/herself and that is represented through language, acts and words as it can be seen through the interviews collected and which express the importance of work inside prison and how it reflexes in a positive and direct way in socializing process of an ex-prisoner when in society again. This research provides a way for new studies and helps society in understanding the importance of work in prisoner's life.

Keywords: work; consciousness; socializing process; prison system; language.

Introdução

Este trabalho está inserido na área das ciências humanas no campo das administrações e está voltado para a pesquisa de como o trabalho e as empresas podem se configurar como um instrumento na construção da consciência do ex-detento, possibilitando sua ressocialização e inserção na sociedade na detenção e pós-detenção, através de células de produção instaladas dentro das unidades prisionais. Esta pesquisa tem por objetivos: a) Conhecer o lugar que as empresas podem ocupar no processo de ressocialização na vida de um ex-detento e b) conhecer o lugar que o trabalho ocupa na vida de um detento e verificar sua influência na ressocialização do ex-detento após a saída da prisão. Os resultados da pesquisa de Santiago (2011) mostram que a ociosidade é parceira direta do crime, pois há dificuldade na reintegração do ex-detento na sociedade por causa dos seus antecedentes criminais e a falta de oportunidade no mercado de trabalho, é fator para a reincidência no crime.

Varella (1999) afirma que muitos presos preferem trabalhar ao invés de ficar o dia todo ociosos e ressalta que deveria-se ensinar um ofício ao recuperando dentro da prisão, para que este, ao ser liberto, tivesse uma perspectiva. Gomes (2008) demonstra que o ócio possibilita que os detentos estejam sempre “pensando”, entre outras perversidades, em fuga, suicídios e práticas de novos crimes, “cursando” verdadeiramente a “faculdade do crime” e que os índices de violência tem nos revelado que, a maior parte dos presos cumprem a pena e voltam a delinquir,

revelando, assim, as falhas do atual modelo de gestão prisional adotado. O trabalho é o meio de reinserir um ex-detento na vida em sociedade. Através das atividades de labor, o indivíduo é capaz de se reconstruir, de se transformar. O ser humano que não trabalha é excluído pela própria sociedade.

Barbalho (2012) propõe, em seu estudo, que muitos egressos tentam seguir o caminho correto e ser bons cidadãos, porém a própria sociedade e as empresas não lhes proporcionam condições para a mudança, com trabalhos dignos para que, pelo menos, garantam seu sustento. O trabalho também é um elemento de inclusão ou exclusão de uma pessoa. O processo de reabilitação do detento por meio do trabalho deve adequar-se a uma realidade cada vez mais presente no dia-a-dia de qualquer empresa. A profissionalização é indispensável na reintegração do egresso na sociedade, por ser meio de garantir o sustento de sua família (PONTIERI, 2000). Feitas essas colocações, este artigo busca responder a seguinte pergunta de pesquisa: Como o trabalho se configura como instrumento na construção da consciência do ex-detento em contexto pós-detenção?

Tem como princípio, também, mostrar a socialização após a saída do detento, a importância do trabalho nas células de produção de diversas empresas, contribuindo para ensinar uma profissão ao detento por meio da prática do labor dentro do presídio para que, posteriormente, o detento possa sair e se recolocar no mercado de trabalho.

1. Referencial teórico

1.1. Trabalho

São muitos os significados para a palavra trabalho, mas os principais lembram dor, suor, cansaço, transformação, obra, entre outros. No português, a palavra trabalho se originou do latim *tripalium* que consistia em um instrumento de tortura, conceito este que permaneceu até meados do século XV (ALBORNOZ, 1995). Conforme Eagleton (1999, p. 23) “na sociedade capitalista o trabalho, a atividade vital, a própria vida produtiva aparece ao homem apenas com um *meio* para a satisfação de uma necessidade de preservar a existência física”.

Atualmente, a principal característica do trabalho é a submissão ao capital pois, homens e mulheres buscam todo dia o seu sustento por meio do salário. Enfatiza Marx (2004) que a mercadoria produzida só possui valor porque é

proveniente da força de trabalho do homem que vende sua força de trabalho ao capitalista. Porém o homem produz as suas relações com a sociedade, juntamente com a produtividade material, desta forma, o trabalho traz um contato entre pessoas que influenciam e sofrem influências, momento no qual ocorre a interação social (DIAS, 2009). Antunes (2008) ressalta que o trabalho tornou-se um meio para a existência do indivíduo e é indispensável para torná-lo um ser social, pois é através dele que se inicia a humanização.

Marx e Engels (1998) afirmam que a questão da humanização só é possível dentro e pela sociedade. Como afirma Dias (2009, p. 33), “podemos afirmar com relativa segurança que a vida em grupo é que transforma o animal *homem* em um ser humano. Sem contato com o grupo social, o homem dificilmente pode desenvolver as características que chamamos humanas”. Evidentemente, nota-se que a interação modifica o comportamento das pessoas, ou o grupo a que ela pertence, pois, a interação socializa o ser humano. O trabalho é a forma mais simples para que o ser humano tenha relações com a sociedade, e é através das atividades realizadas que se dá condições para a construção da sua personalidade (DIAS, 2009).

Nessa ótica, Souza (2010, p. 28) afirma que “a falta de trabalho provoca além da marginalização econômica um desenraizamento social, uma vez que ele traz o sentido de pertencimento e as condições de sociabilidade”. Para Cotrim (2006), por meio da prática do trabalho, o ser humano consegue promover mudanças na realidade sociocultural e, ao mesmo tempo, transformar a si próprio.

1.2. Consciência

Marx e Engels (1998) enfatizam que a consciência determina os atos, os limites e as relações de cada ser humano e estão correlacionados consigo próprios. Em relação a consciência e a produção de ideias, fica claro que ela está diretamente ligada a atividade material, sendo realizada por meio das forças produtivas.

Confirmando isso, Vygotsky e Leontiev (2001) afirmam que é nas relações com o meio, com as atividades de trabalho, que se constitui, que se forma a consciência, possuindo o mundo, a vida em si, como fator primordial para o reflexo da consciência. Nesse viés, Vygotsky (2000) aponta a consciência como uma característica especificamente humana, que emerge e se desenvolve na e pela mediação, nas relações que o indivíduo estabelece com outros indivíduos e com o

meio em que se situa, envolvido em um contexto sócio-histórico e tendo a linguagem exercendo papel fundamental.

Continuando, para Leontiev (1959), a necessidade da consciência nas operações do trabalho, da atividade, tem seu início na fabricação dos utensílios e o trabalho industrial está correlacionado com as relações sociais e as transformações vão modificando a consciência, pois com a divisão do trabalho há a atividade intelectual, o pensamento. Para Vygotsky (2000), a atividade consciente do homem provém da experiência de toda a humanidade e vai sendo acumulada ao longo do processo da história social e transmitida pelo processo de aprendizagem. Ainda, é a consciência humana que faz a distinção entre atividade e objeto, a qual é determinada pelas relações sociais e pelo posicionamento dos sujeitos nessas relações.

É importante ressaltar que a consciência de ser um indivíduo deve-se ao fato de ele conhecer sua posição na sociedade, nas relações enquanto ser humano (ALTHUSSER, 1998). É com as relações que se desenvolve o sentido de grupo, de coletivo, o que leva à construção da consciência a qual se desenvolve na sociedade, mediada pela linguagem (LEONTIEV, 1959).

1.3. Linguagem

Para Faria (2010), a linguagem é construída pela/na sociedade e o ser humano, tonando-se fator essencial para a interação do ser humano com o mundo. A linguagem é realizada por meio da escrita, fala, expressões como um olhar, todas essas ações que se configuram em ações de linguagem. Como observam Marx e Engels (1998, p. 24), “A linguagem é tão antiga quanto a consciência; a linguagem é a consciência prática, real, que existe também para outros homens, que existe”.

Leontiev (2005 *apud* FARIA, 2010) afirma que o desenvolvimento da consciência ocorre através da comunicação, que acontece nas relações em sociedade, que tem a linguagem como fator inquestionável. Vygotsky e Leontiev (2001) declaram a linguagem como fator primordial para as relações sociais, para a comunicação com o mundo, tornando-se também uma forma para aprender.

Constata-se que a relação entre pensamento e palavra inicia-se e vem se modificando ao longo do desenvolvimento devido a sua função social e comunicativa. A linguagem atua como organizadora e planejadora do pensamento do indivíduo, assegurando a ele a construção de sua individualidade (FARIA, 2010). A mesma

autora discute a linguagem como item fundamental que permite ao ser humano não apenas as relações sociais, mas o contato com o mundo.

1.4. Sistema prisional

Na Idade Média, antes de serem instituídas as prisões, as penas refletiam diretamente no corpo do indivíduo, caracterizadas como suplício. Os corpos eram expostos em praça pública, mutilados, fato que, posteriormente, a própria sociedade repugnava. Na modernidade, a execução da pena tem por objetivo ser reabilitadora, de reinserção social. (FOUCAULT, 1987). Kloch (2008) ressalta que a prisão no século XXI tem como objetivo principal excluir o crime e não o criminoso. Evidentemente, deve-se proporcionar ao homem a sua recuperação, ajudá-lo a recuperar a sua identidade.

Esclarece Althusser (1998) que um dos aparelhos do Estado é a prisão, este que por sinal é regido por uma força repressiva proveniente de ser a última opção para reintegrar o cidadão à sociedade novamente. Foucault (1987) afirma que é necessário punir de forma equilibrada para que se possa impedir que se cometam os crimes. Para isso surgiram as Leis que amparam os direitos humanos dos presos: Lei nº 7210/84 que LEP e Lei nº 3689/41 do Código de Processo Penal. Ainda há os documentos reguladores publicados pelo Ministério da Justiça, nos quais está previsto assistência à educação, saúde, trabalho, entre outros (DAUFEMBACK, 2005)

1.5. Políticas de ressocialização prisional

A política de ressocialização consiste em leis que garantem todas as assistências ao preso como direito à saúde, educação, trabalho, entre outros (KLOCH, 2008). Contudo, a Lei nº 7210/84, em seu artigo 1º, determina que “a execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado” (DAUFEMBACK, 2005, p. 17). Nesta lei aborda-se a intenção da execução penal de possibilitar a reintegração do indivíduo na sociedade. A prisão deve incentivar os comportamentos que possuem valor para a vida em sociedade.

Nota-se que não é só proporcionar o trabalho dentro das unidades prisionais, mas também acompanhar a saída destes até serem inseridos novamente na sociedade para que os valores aprendidos com o trabalho, dentro do presídio, possam ser

levados juntamente com o recuperando. O acompanhamento fora do presídio, nos primeiros meses, é indispensável, pois serão momentos difíceis de readaptação à sociedade, ao mercado, ao convívio familiar. Essa assistência é fundamental e determinante para o sucesso da ressocialização (DAUFEMBACK, 2005).

Segundo dados da Comissão de Formação Teórica e Prática do PrEsp (2013), em Minas Gerais, a população carcerária chegou, em 2013, a 45.540 pessoas, dois quais 12 mil atuando em frentes de trabalho e células de produção em contexto prisional. Na concepção de Diniz (2005, p. 5), “o desafio da reintegração social é este último: a empregabilidade, ou seja, o trabalho”. Falconi (1998) afirma que para se ressocializar o detento, após sua saída, é imprescindível que não se abandone a preparação profissional para sua inserção no mercado de trabalho. De fato o papel da prisão é modificar as pessoas, começando pelo trabalho penal, que vem desde o código de 1808 (FOUCAULT, 1987). Segundo Kloch (2008), se o condenado não passar pelo processo de reeducação voltará a cometer seus crimes, pois, a finalidade é reconstruir a dignidade do ser humano. Foucault (1987) confirma que em relação à saída do detento, um dos fatores que propicia a reincidência é a falta de uma oportunidade de trabalho.

1.6. O trabalho no contexto prisional como ressocialização

O trabalho é algo que traz inúmeros benefícios para a vida do ser humano, é por meio dele que as pessoas se integram na sociedade, se desenvolvem e nele encontram seu sustento. Assim como a prisão, desde os primórdios, o trabalho vem passando por constantes evoluções, colaborando com o ser humano para que este possa se relacionar, sendo por meio dele que as pessoas se transformam e desenvolvem-se como profissionais, adquirindo novos conhecimentos e propondo uma nova realidade.

O trabalho penitenciário surgiu após a evolução da pena privativa de liberdade e, em seu início, foi concebido com a ideia de castigo. Atualmente, o trabalho prisional é um dos processos para inserir o preso e instigá-lo aos hábitos do trabalho (MIRABETE, 1987). Esta atividade também contribui para que o preso tenha o discernimento do justo, que após sua saída possa seguir o caminho correto, pois, o trabalho tem a finalidade de ser educativo.

Kloch (2008) afirma que o trabalho dentro da prisão, além da sua função (re)educativa, contribui para sua profissionalização. Foucault (1987, p. 202) afirma

que “o trabalho é definido, junto com o isolamento, como um agente da transformação carcerária”.

Ao sair do sistema penitenciário, tendo exercido uma atividade laborativa enquanto na reclusão, ele tem mais possibilidade de honrar sua escolha e ter uma vida correta. A atividade oferece uma condição para que se possa alterar a condição em que os presos se encontram, produzindo algo, propondo uma mudança de vida. Foucault (1987) aponta que este é um dos itens fundamentais na transformação do detento, pois, a atividade ajuda a aprender um ofício.

O desemprego e a violência estão correlacionados e podem ser um dos fatores que impedem a ressocialização do egresso na sociedade e a convivência com sua família (DINIZ, 2005). Nas afirmações de Kloch (2008), a formação profissional contribui de forma relevante para a preparação do egresso para o mercado de trabalho.

Para melhor compreender essa questão, Falconi (1998) reflete que o ser marginalizado é aquele indivíduo que possui uma limitadíssima inserção no mercado de trabalho, não conseguindo este satisfazer as suas necessidades básicas como comida, vestuário, sustento à sua própria existência. O ócio é um mal e a chamada laborterapia é essencial na reinserção social.

2. Metodologia

2.1. Design da pesquisa

A construção desta pesquisa se deu a partir da colaboração dos envolvidos, com o objetivo de validar e transformar essas informações em dados mensuráveis. Essas características levaram a escolha pela Pesquisa Crítica de Colaboração, conforme definida nos trabalhos de Magalhães. De acordo com a autora (1996), é necessário assumir uma perspectiva de negociação e colaboração que resulte no posicionamento e planejamento do pesquisador, no contexto da pesquisa, não como aquele “que detém maior conhecimento” ou que possui mais conhecimento e que lá está para ensinar (MAGALHÃES, 2004).

Como Magalhães (1996) discute, a negociação é um movimento indispensável para que os participantes transpareçam todos os seus valores, crenças e interpretações, possibilitando que as diferenças e semelhanças sejam discutidas. Nessa direção, este artigo aborda o modelo de pesquisa Crítica de Colaboração acima

descrita, pois a colaboração é fundamental para que se obtenha às informações necessárias para a construção desta pesquisa.

2.2. Contexto de pesquisa

Esta pesquisa foi realizada com duas ex-detentas que saíram e, atualmente, trabalham em uma empresa de confecções no setor de lingerie que atua no mercado de Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais, há mais de 20 anos. Esta empresa possuía células de produção no interior do presídio de Pouso Alegre, em sistema de parceria na ressocialização dos detentos que cumprem pena em regime fechado. Lá as participantes prestaram serviços por mais de 1 ano.

2.3. Produção de dados: participantes e instrumentos

Os dados foram produzidos por meio de entrevistas, o tipo de entrevista realizada foi a semi-estruturada que, de acordo com Pádua (2002), utiliza-se de um roteiro proposto pelo entrevistador, mas que permite que o indivíduo entrevistado tenha a liberdade de falar sobre o assunto da entrevista. Ao todo foram realizadas 2 entrevistas áudio-gravadas, as quais foram transcritas posteriormente para análise do *corpus*. As entrevistas foram realizadas nos dias 29/7 e 2/8 de 2013, e a descrição das entrevistadas segue abaixo.

Ana tem aproximadamente 30 anos, cursou até a 8ª série do ensino fundamental, é casada, mãe de 4 filhos, réu primária, entrou na instituição carcerária sem nenhuma profissão. Devemos ressaltar que Ana realizava atividades de labor como a faxina, antes da oportunidade de trabalhar em alguma empresa dentro do presídio. Em Belo Horizonte, ela trabalhou por 4 meses, já que este local estava preparado para receber gestantes, e ela estava grávida de 8 meses do seu terceiro filho. Após o parto ela retornou ao presídio de origem em Pouso Alegre. De acordo com Ana, na unidade de Belo Horizonte as detentas produziam bijuterias, tapetes, cobertores e quadros de lã. Lá Ana aprendeu a fazer tapetes de retalhos, bijuterias e dobraduras. Ao retornar ao presídio de Pouso Alegre, trabalhou na gráfica por aproximadamente 4 meses e na lavanderia entre 4 e 5 meses. Posteriormente, em seu último trabalho antes da soltura, atuou em uma empresa de confecções localizada em

uma cidade do Sul de Minas pelo período de 1 mês, o que lhe trouxe experiência e resultou na sua contratação após sua saída do sistema prisional. Ana está há mais de 3 anos na empresa em que trabalhou na célula de produção dentro do presídio. Hoje é vendedora nesta empresa, além de fazer serviços auxiliares na confecção. Devemos deixar claro que Ana tentou, ao sair do sistema prisional, concorrer a vagas em outras empresas, sem sucesso, pois o preconceito, ainda que subjetivo, existia.

A segunda entrevistada, Maria, tem aproximadamente 50 anos, cursou até o 2º ano do ensino fundamental, é solteira e mãe de 3 filhas. Ficou por 10 anos no presídio em regime fechado, e sempre trabalhou no interior da instituição carcerária. Maria ficou 2 anos em Três Corações e trabalhava no pavilhão onde se fazia comida, café e faxina. Porém permaneceu por 1 mês e 17 dias, mas não conseguiu ficar neste trabalho por conta do comportamento de algumas presas. Pediu, então, o remanejamento para outra atividade. Quando Maria foi para a lavanderia descobriu que havia vários uniformes que precisavam de um conserto e propôs ao coordenador de produção que ela os arrumasse, pois era costureira, Maria consertou mais de 1.000 uniformes. Depois trabalhou na cozinha por cerca de 7 meses, até ser transferida para o presídio de Pouso Alegre, onde passou a trabalhar dentro da célula de produção de uma empresa de confecções, pelo período de 1 ano e 8 meses. Como já tinha a habilidade de costura, adquiriu o conhecimento de confecção de um novo produto. Ensinou 3 detentas e era responsável pela célula de produção. Quando terminou sua pena, saiu e foi recebida pela empresa de confecções onde está há mais de 2 anos, na função de costureira. Os nomes descritos acima são fictícios para salvaguardar a identidade das participantes.

3. Descrição e discussão dos resultados

Este trabalho busca atender ao objetivo desta pesquisa e, por conseguinte, obter resultados que possibilitem esclarecer e ressaltar o benefício do trabalho dentro do contexto presídio, para que, posteriormente a sua saída, o processo de inserção profissional de um ex-detento seja eficaz.

Para responder ao objetivo a) Conhecer o lugar que as empresas podem ocupar no processo de ressocialização na vida de um ex-detento, fez-se um levantamento nas entrevistas coletadas, buscando ressaltar o lugar que o trabalho ocupa na vida de um ex-detento. Para tanto foram ressaltados os substantivos, as frases, os verbos e as escolhas por eles feitas para responder a essa pergunta. Procedido a este

levantamento, passou-se as discussões dos dados com a teoria ressaltada no capítulo teórico.

3.1. Objetivo 1: Conhecer o lugar que as empresas podem ocupar no processo de ressocialização na vida de um ex-detento

Maria: “*Ocupação, remissão, força de vontade de ser liberta, necessidade também para ter um uns trocados para ajudar minhas filhas, tudo isso. ... eu queria mudança de vida para mim, que ela podia me colocar na horta ou lava banheiro, de quebra pedra mais me tirasse da galeria, mas não me trancasse porque eu precisava trabalhar*”.

Ana: “*Eu acho que se eu não tivesse tido a oportunidade de trabalhar lá dentro, de conhecer o que eu conheci lá eu não teria mudado. Se não tivessem me colocado para trabalhar, hoje eu sairia a mesma pessoa que entrou lá, quando eu fui presa*”.

Como vemos, para Marx (2004), a partir do momento em que o produto, a matéria-prima ou o meio de trabalho se liga a um valor de uso, segundo uma determinada posição que esse valor ocupa nas atividades produtivas, ocorre uma mudança de posição e, por conseguinte a transformação de seu caráter. Para Maria e Ana, o trabalho caracterizou-se como algo que as impulsionou para a mudança. A oportunidade de trabalhar dentro do presídio, proporcionou a transformação. Para Cotrim (2006), por meio da prática do trabalho, o ser humano consegue promover e transformar a realidade da sociedade em geral e, ao mesmo tempo, modificar-se.

Para Maria, a necessidade de uma ocupação e um valor monetário para o sustento de suas filhas fez com que o trabalho em sua vida ocupasse não só uma questão monetária, mas também uma distração. Mencionam Marx e Engels (1998) que beber, comer, morar e vestir-se são as necessidades básicas de cada ser humano. Essas necessidades são supridas através do trabalho, com a produção da própria vida material. Maria esclarece que o trabalho proporcionou a ela poder ajudar as filhas a satisfazer suas necessidades básicas mesmo estando detida em regime fechado.

Ter uma ocupação, para quem se encontra recluso, é essencial para que a mente não fique maquinando coisas ruins, que vão contra os princípios da sociedade. Assim, tirar o preso da ociosidade é de fato imprescindível.

Ana: “*Não adianta você prender a pessoa ficar ali 2, 3 anos e depois solta assim na rua assim ao Deus dará, sem uma ajuda, precisa de um trabalho porque*

para mim foi essencial, porque para mim eu acho que eu ia ficar louca se ficasse fechada dentro de uma cela, sem ter o que fazer, sem ter nada, fica ali parada com a mente vazia, porque *mente vazia oficina do diabo* não adianta”.

Maria: “O preso ali a toa, você não tem noção do que um preso é capaz de fazer. Ai você ocupando seu dia, seu corpo, sua mente trabalhando você não tem tempo para pensar a vou fazer isso”.

Esclarece Varella (1999) que a mente ociosa, assim como descrito pelas participantes Ana e Maria, uma mente que fica a deriva, vazia, propicia coisas ruins, pensamentos obscuros. Adotar medidas para ensinar profissões, para fazer com que o detento crie um sentimento pelo trabalho é relevante para a sua preparação, para que o ex-presidiário não volte a reincidir, não justificando que este declare que voltou ao crime porque não tinha o conhecimento de uma profissão, que não sabia executá-la.

Nos excertos a seguir percebemos, claramente, a importância do trabalho visto que Ana não executava as principais atividades básicas em sua casa. Essa visão se modificou a partir de sua entrada no presídio. Segundo Alex *et al.* (2002), o trabalho tem por objetivo fazer com que o preso tenha consciência e valorização dessas atividades que são realizadas diariamente.

Ana: “...olha só para você ver eu entrei lá *não tinha nenhuma profissão*, eu sai de lá com *outra cabeça* pensando assim, se aqui dentro eu posso fazer. *Aprendi tudo lá*, 5 profissão faxineira, eu não limpava nem o banheiro da minha casa, meu pai que limpava minha casa, eu *aprendi* a ser faxineira lá dentro”.

Percebemos essa transformação de valores em Ana, a partir do momento que ela aprendeu, no interior do presídio, adquiriu conhecimentos, profissões e ressaltou em sua concepção a perspectiva de continuar a trabalhar quando tivesse sua soltura. Nessa ótica, Falconi (1998) declara que um homem profissionalizado possui mais chances de concorrer no mercado, garantindo a sua sobrevivência e a de sua família, o que se torna uma barreira para retornar a criminalidade.

Também Varella (1999) ressalta que ensinar uma profissão ao ex-detento dentro da prisão, traz para ele uma nova perspectiva de futuro, ao contrário de largá-lo para que se socialize na sociedade sozinho. Findamos este objetivo 1, a partir do qual conhecemos o lugar que o trabalho ocupou na vida do detento, enquanto recluso

no presídio, para iniciarmos o objetivo 2 que tem por finalidade conhecer a influência do trabalho na ressocialização do ex-detento após a saída da prisão.

3.2. Objetivo 2: Conhecer o lugar que o trabalho ocupa na vida de um detento e verificar sua influência na ressocialização do ex-detento após a saída da prisão

Ana: “*Se eu não tivesse aprendido as profissões que eu aprendi o que, que seria de mim? Se a (empresa de confecções situada em uma cidade do Sul de Minas) não tivesse aberto uma porta, se eu não tivesse aprendido o que eu aprendi lá dentro infelizmente a gente iria voltar, iria fazer a mesma coisa*”.

Maria: “*Um benefício foi a oportunidade que a (dona da empresa de confecções) me deu, foi é como se diz foi o juiz me via como um bicho né pelo meu crime entendeu? Ai eles começaram a me ver pelo meu comportamento através do meu trabalho, ai eles viram que eu não era o bicho que tava sendo pintado para eles. Ai graças a Deus me ajudou muito e me ajuda muito, sabe porque se não fosse ali eu iria custar para arrumar emprego seria mais difícil e quando eu cheguei ali eu cheguei descabelada, não tinha roupa direito, não tinha nada direito, todos me ajudaram, tanto as funcionárias assim como as encarregadas e a patroa*”.

Ana: “*ali na (empresa de confecções situada em uma cidade do Sul de Minas) eu faço de tudo.*

... quando precisa fazer alguma coisa artesanal, igual a gente fez um tapete a mão de retalho isso eu aprendi lá em Belo Horizonte na cadeia. Foi uma oportunidade, foi o essencial na minha vida, foi o ponto essencial, foi eles me colocar para trabalhar, ocupar minha mente, me ensinar as coisas ali dentro, foi o ponto X para...

para a mudança”.

Observamos, nos excertos acima, a nova concepção de Ana sobre trabalho, ressaltando que ela entrou na instituição penal sem ao menos realizar as tarefas domésticas. Para Ana e Maria, a oportunidade que a empresa de confecções de Pouso Alegre lhes concedeu proporcionou um valor inestimável em seu novo contexto pós-detenção.

Como observa Alex *et al.* (2002), a oportunidade de trabalhar aumenta a probabilidade de o detento se regenerar, pois muitos, ao cumprirem a pena e saírem da prisão, não conseguem emprego e são excluídos da sociedade. O trabalho oferece uma condição para que se possa alterar a situação em que os presos se encontram, produzindo algo, propondo uma mudança de vida. Como afirma Alex *et al.* (2002)

sobre a mudança que se consegue através do trabalho, Ana e Maria afirmam isso quando ressaltam a importância que a oportunidade de emprego teve em suas vidas. Foucault (1987) aponta que o trabalho é um dos itens fundamentais na transformação do detento, pois a atividade ajuda a aprender um ofício, a se profissionalizar.

Ana e Maria falam das dificuldades de arrumar um emprego se a empresa de confecções que possuía uma célula de produção no interior do presídio não lhes abrisse as portas. A profissionalização destas pessoas, dentro da instituição carcerária, fez com que tivessem uma oportunidade de trabalho na empresa de confecções, quando saíram do presídio. Ressaltamos que as 2 estão na empresa há mais de 2 anos. Nessa ótica, Souza (2010) afirma que o trabalho traz as condições de sociabilidade, de uma percepção de pertencer a um grupo, e é a primeira condição para a inclusão das pessoas.

A formação da consciência é uma decorrência de tudo que o trabalho passa a implicar na vida destas ex-detentas. Para tanto, ressaltamos, nos excertos a seguir, como esta questão vai se desenvolvendo e vai se criando ao longo do período de vida destas ex-detentas, na qual há uma tomada de consciência de seu novo papel na sociedade.

Maria: “É uma forma que eu tenho para sobreviver, que *eu não tenho recurso nenhum se não for do meu suor*, se eu não trabalhar hoje amanhã eu não tenho pagamento e eu não tenho como pagar minhas contas nem comparar minha comida.

Mudou a minha cabeça, o stress sabe, a tristeza, o nervoso, ajudou muito”.

Ana: “É um momento sempre *sim de reflexão*, acho que tudo na vida, nada acontece por acaso... saí de lá do presídio com um mês eu já tava trabalhando aqui na (empresa de confecções de uma cidade do Sul de Minas). ...você tendo trabalho você tem oportunidade de *expandir, de melhorar, de correr atrás*, então eu acho que *é o essencial* que é o tudo.

... eu não gostava de trabalhar era um dinheiro fácil ai eu acabei que optei pela forma mais fácil, mas que acontece se eu tivesse trabalhado, se eu tivesse feito o que hoje eu faço eu não tinha passado por isso, *mas só que eu tive que aprender”.*

Como vemos, Maria e Ana descrevem a importância do trabalho tanto dentro quanto fora presídio. Elas ressaltam a representatividade que a atividade tem em suas vidas. Houve a reflexão por meio do trabalho, que representou, como ressaltam Maria

e Ana, a consciência do quanto é necessário trabalhar para sobreviver, através do seu esforço. Para Ana, mais ainda, pois ela conquistou amor pelo trabalho.

Nesse embate, Foucault (1987) salienta que não proporcionar ao recuperando uma ocupação, uma forma de reconstruí-lo, de resgatá-lo, pode ser crucial para que ele volte a reincidir no ato criminoso ou até mesmo adquirir comportamentos agressivos. O infrator é requalificado em operário dócil quando as suas necessidades são atendidas por meio da realização do trabalho, quando os momentos ociosos são preenchidos, além de que o salário faz com que se adquira “amor e hábito” pelo trabalho, como relata Ana. Nas afirmações de Ana, no excerto abaixo, ela discute como a consciência nos faz ter discernimento do que é correto ou não, nos leva a refletir sobre os nossos atos.

Ana: “Eu acho que *a consciência da gente acusa muito, a consciência da gente que mata*, aí se diz assim porque eu fiz isso?

...tudo, porque além de ocupar minha mente, eu acho que é um conjunto na verdade, um *conjunto de benefícios porque hoje eu tenho uma família bem estável*, meus filhos me olham hoje como exemplo, porque eles mesmos falam que *eles não vê a hora de crescer para poder trabalhar* e agente consegui poder comparar as nossas coisas junto, para gente pode ter as nossas coisas, então *eu consegui ter uma família no meu serviço*”.

Marx e Engels (1998) enfatizam que a consciência determina as atitudes, os limites e as relações de cada ser humano e estão correlacionados consigo próprios. Em relação a consciência e a produção de ideias, fica claro que ela está diretamente correlacionada com a atividade produtiva. Por meio do trabalho, das atividades produtivas, Ana teve uma transformação na sua maneira de pensar, refletindo diretamente na sua consciência.

Confirmando isso, Vygotsky e Leontiev (2001) afirmam que é através das relações com o meio, com as atividades de trabalho que se constitui, se forma a consciência, possuindo realidade, como fator primordial para o reflexo da consciência. Cabe destacar que a consciência é algo essencial a sociedade e necessária enquanto existirem pessoas (MARX; ENGELS, 1998).

Ana: ...então eu acho que tem que dar mesmo oportunidade de serviço para eles, para *pode ta expandindo a mente deles*, ensinando uma profissão, os que tem pão para trabalhar.

Como Maria e Ana declaram, as oportunidades para um ex-detento são escassas pela própria posição ocupada por estes anteriormente, caracterizando-os sempre como um ex- detento. No excerto abaixo percebemos claramente o preconceito ainda existente em nossa sociedade na contratação de um ex- detento.

Ana: Senti um pouquinho, porque diretamente eles não queriam falar, porque quando eu fui fazer essa entrevista lá na fábrica eu tinha todos os quesitos para entrar só *não entrei por causa do presídio*, aí falaram dessa vez não mais a gente vai deixar seu currículo aqui, qualquer coisa a gente liga.

Maria: ...a gente quando sai assim *a gente é visto como um ex-presidiário ai fica difícil, tudo para um ex-presidiário é difícil*.

Em relação à saída do detento, um fator que influencia a reincidência é a exposição e a necessidade que se tem de falar do crime cometido, caracterizando, ainda, em muitas organizações, uma rejeição e tornando, assim, a falta de uma oportunidade de trabalho como um fator que contribui para se cometer novamente os crimes contra a sociedade que o reprime (FOUCAULT, 1987).

Para finalizar esta discussão, ressalta-se como a própria sociedade exige das autoridades mais segurança contra os crimes e os roubos, sem que a própria sociedade, enquanto pessoas, gestores de empresas, reprimem os ex-detentos, não oportunizando a reinserção social, para que estes possam seguir o caminho correto, digno e honesto. Com base nos depoimentos, o preconceito ainda está presente na sociedade que chamamos de moderna. Conduzimo-nos agora para as considerações finais, nas quais ressaltaremos os pontos essenciais desta pesquisa.

4. Considerações finais

Este artigo foi desenvolvido com o objetivo de demonstrar a importância das empresas no contexto prisional e fora das unidades prisionais como uma instituição para a recolocação, para a empregabilidade destas pessoas. Ressaltamos, também, a relevância que o trabalho possui na vida de um detento e, principalmente na vida de um egresso, fato que lhes possibilita a tomada de consciência por meio das atividades produtivas e, por conseguinte, a sua inserção no mercado de trabalho. Para que esta pesquisa se concretizasse, as pesquisadoras realizaram entrevistas afim de colher informações que foram transcritas e aprovadas pelas entrevistadas e correlacionadas com base no quadro teórico, após análise dos discursos das envolvidas.

Desta forma, foi possível verificar a importância de células de produção dentro dos presídios, assim com a parceria das empresas ao ceder seus produtos para que os detentos trabalhem dentro da instituição carcerária, estimulando sua transformação. Embora a LEP defina que o egresso tenha total apoio ao sair, fica a sugestão, com base na entrevista, de uma carta de apresentação, esclarecendo as atividades realizadas pelo detento durante o período de detenção, ressaltando pontos importantes como o período que permaneceu em cada célula de produção, os conhecimentos adquiridos e seu desempenho, para que, ao sair, o detento possa comprovar o trabalho que realizava, conforme sugere Ana, na entrevista.

Conclui-se que este projeto é de ampla relevância para a sociedade, para os gestores de empresas, visto que estas tem papel fundamental no processo de integração social. O ser humano consegue, por meio do trabalho, se modificar, trabalho que pode ser oportunizado pelas empresas e que repercute de forma direta na socialização do ex-presidiário na sociedade novamente.

Referências

- ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ALEX, A. A. et al. **Os direitos humanos do preso e a ética**. Jurisvox: Patos de Minas, n.4, p.111-122, dez. 2002.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). 7.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BARBALHO, L. A. **O lugar do trabalho na vida do egresso do sistema prisional**: um estudo de caso, 2012. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?start=40&q=presidiarios+trabalho&hl=pt-BR&as_sdt=0>. Acesso em 24 fev. 2013.
- COMISSÃO DE FORMAÇÃO TEÓRICA E PRÁTICA DO PRESP. **O egresso do sistema prisional**: do estigma à inclusão social. Belo Horizonte: Instituto Elo, 2013.
- COTRIM, G. **Fundamentos da filosofia**: história e grandes temas. 16.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
- DAUFEMBACK, V. **Apoio aos familiares e egressos do sistema penitenciário**. Conselho Federal de Psicologia Brasília: CFP, 2005.
- DIAS, R. **Sociologia & administração**. 4.ed. São Paulo: Alínea, 2009.

DINIZ, L. G. **A reinserção social do egresso do sistema prisional pelo trabalho**: a experiência de Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <www.sinteseeventos.com.br/bien/pt/papers/artigocomp.pdf>. Acesso em: 20 set. 2012.

EAGLETON, T. **Marx e a liberdade**. São Paulo: UNESP, 1999.

FALCONI, R. **Sistema presidial**: reinserção social? São Paulo: Ícone, 1998.

FARIA, J. P. **A monitoria na escola pública**: sentidos e significados de professores e monitores. (Tese de Doutorado em Linguística). São Paulo: PUC, 2010.

FERREIRA, Z. P. **Criminalidade**. São Paulo: Universitária, 1986.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOMES, V. P. **O trabalho do preso como forma de ressocialização e respeito ao princípio da dignidade da pessoa**, 2008. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/textosjuridicos/1319519>>. Acesso em: 24 fev. 2013.

KLOCH, H.; MOTTA, I. D. **O sistema prisional e os direitos da personalidade do apenado com fins de res(socialização)**. Porto Alegre: Verbo Jurídico, 2008.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, 1959.

MAGALHÃES. (1996) **A negociação de sentidos em formação de educadores e em pesquisa**. In: FIDALGO, S. S.; SHIMOURA, A. S. (Orgs.). Pesquisa crítica de colaboração: um percurso na formação docente. São Paulo: Ductor, 2007.

_____. **A formação do professor como profissional crítico**: linguagem e reflexão. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, K. **O capital**: extratos por Paul Lafargue. São Paulo: Conrad, 2004.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA: **População carcerária de Minas Gerais**, 2012. Disponível em: <[MIRABETE, J. F. **Execução penal**: comentários a lei nº 7.210 de 11-07-84. São Paulo: Atlas, 1987.](http://portal.mj.gov.br/main.asp?View={D574E9CE-3C7D-437A-A5B6-2166AD2E896}&Team=¶m%20s=itemID={C37B2AE9-4C68-4006-8B16-24D28407509%20C};&UIPartUID={2868BA3C-1C72-4347-BE11-A26F70F4CB26}>. Acesso em: 23 jul. 2013.</p></div><div data-bbox=)

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. São Paulo: Papirus, 2002.

PEREIRA, M. F. **É possível a recuperação do preso?** Revista Jurídica UNIJUS, Uberaba: Universidade de Uberaba. v 1., n 1, 2006.

PONTIERI, A. **Trabalho do preso**. 2000. Disponível em: <

SANTIAGO, G. A. S. **A política de ressocialização no Brasil:** instrumento de reintegração ou de exclusão social. (Tese de Mestrado em Educação) Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2011. Disponível em: <http://bdtb.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1656>. Acesso em: 17 set. 2012.

SOUZA, S. A. **Coletivos de trabalho e o prazer e o sofrimento em sua construção:** um estudo de caso. Itajubá: UNIFEI/ PREMIER, 2010.

VARELLA, D. **Estação Carandiru.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 2001.